

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

"Viver ou morrer na guerrilha"

**Reflexões sobre o testemunho de um militante da resistência armada contra a ditadura  
que participou dos processos de retratação pública. Brasil – 1970 – 1975**

Alessandra Gasparotto\*

**Resumo:** Entre os anos de 1970 e 1975, militantes de organizações que combatiam o regime civil-militar protagonizaram episódios de retratação pública, conhecidos como “os arrependimentos”. Muitos dos protagonistas evitam falar sobre o tema. Celso Lungaretti, porém, é *aquele que fala*. Já concedeu entrevistas, participou de programas de televisão e, em 2005, lançou o livro “*Náufrago da Utopia – Vencer ou morrer na guerrilha. Aos 18 anos*”, falando sobre o episódio. Este trabalho busca discutir algumas questões relacionadas ao testemunho de Lungaretti, tentando perceber como a experiência vivida foi reelaborada e é contada. Busca também pensar como estas memórias podem contribuir para o debate coletivo sobre questões que envolvem as práticas da militância dos anos 1960 e 1970 e o trauma social causado pela ditadura brasileira.

**Palavras-chave:** Ditadura civil-militar – Luta armada – Memória

**Abstract:** From 1970 to 1975, several activists from organizations who fought against the civil-military dictatorship carried out public retractions, that were known as “the regrettings”. Many of the protagonists refuse to talk about this issue. Celso Lungaretti is the one who speaks. He gave interviews, joined TV programs and, in 2005, wrote the book “*Náufrago da Utopia – Vencer ou morrer na guerrilha. Aos 18 anos*” talking about the episode. This paper aims to discuss some issues related to Lungaretti’s discourse, analysing it and trying to understand how the experience is told. It also aims to consider how these memories can contribute to the debate about the resistance practices and the social trauma caused by the brazilian dictatorship.

**Keywords:** Civil-military dictatorship – Armed struggle - Memory

O período de ditadura cívico-militar, que tem início com a deposição do presidente João Goulart, em 1964, é marcado pela repressão a qualquer forma de oposição ao regime vigente. Esta repressão atingiu, de maneira ainda mais atroz, os grupos que passaram à clandestinidade e através da luta armada buscavam combater a ditadura. O regime empreendeu também campanhas para desacreditar e desmoralizar a imagem destes grupos perante a opinião pública.

---

\* Licenciada em História. Mestranda em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação do Prof. Dr. Benito B. Schmidt.

Em tal contexto surgem os processos de “arrependimento” público protagonizados por membros de organizações armadas a partir de 1970. Estes militantes, em situações e por razões diversas, acabaram concordando em renunciar publicamente à sua trajetória e à sua militância política. As mensagens transmitidas em suas cartas e manifestos iam ao encontro dos ideais e necessidades do governo e estavam centradas em pontos específicos: a negação da tortura nos porões; o apelo à juventude para que não ingressasse na luta armada; a desmoralização das organizações clandestinas e o elogio às obras do Governo Médici e à Revolução “Redentora”.

Dentro deste grupo que ficou marcado como “*os arrependidos*” está Celso Lungaretti. Entre os militantes que protagonizaram as retratações públicas, Lungaretti é *aquele que fala*. Ele foi sempre o mais disposto a falar e tentar responder as inúmeras perguntas que ainda pairam sobre aqueles episódios.

Este trabalho tem por objetivo então discutir algumas questões relacionadas ao testemunho de Lungaretti. Propõe-se a fazer uma análise de sua fala e refletir sobre seus limites e possibilidades. Trazer a tona as memórias deste militante, tentar perceber o que elas carregam, como a experiência vivida foi reelaborada e é contada, o que se quer lembrar e o que se quer esquecer... E pensar também sobre como estas memórias podem contribuir para o debate coletivo sobre questões que envolvem as práticas da militância dos anos 1960 e 1970, a forma como estas foram reprimidas e o trauma social causado pela ditadura brasileira.

O que agora segue faz parte do que ele nos conta...

### **Dos “dias belos e ensolarados” de 1967/1968 aos “dias cinzentos” de 1969**

Na primeira parte de seu livro, chamada *Júlio vive e morre*, Lungaretti fala sobre como iniciou sua militância política, quando ainda era “o estudante tímido da Mooca” e foi apresentado a Maria das Graças. A moça “magra, branca de cabelos negros”, era filha de um operário que militara no Partido Comunista e responsável por organizar uma base secundarista no Colégio MMDC, onde Celso estudava. O estudante passa a participar então de uma série de atividades e discussões políticas, até que Maria lhe convida a participar de um curso de marxismo durante as férias. “É quando Lungaretti se metamorfoseia em Júlio, sua persona de alguns dos melhores momentos que lhe será dado viver – e também, com toda certeza, de seus piores dias” (LUNGARETTI, 2005, p. 30).

A partir deste momento, o autor nos fala sobre os principais acontecimentos que marcaram aqueles dias de 1968, quando ainda se acreditava que a ditadura estava por um fio: as grandes manifestações estudantis no Brasil e no mundo, a passeata dos 100 mil, a atuação

do movimento operário em Osasco e no ABC, a esperança no que estava por vir... Ao falar de suas lembranças, afirma que “(...) as mais agradáveis são as de 1967 e 1968. Nessas recordações, os dias são sempre belos e ensolarados” (Ibidem p. 169).

No entanto, com o fechamento do regime, principalmente após o AI5, decretado em dezembro de 1968, os dias ensolarados foram varridos por uma onda de repressão e medo. Inúmeras lideranças estudantis foram presas, grêmios estudantis e centros acadêmicos foram fechados, as manifestações duramente reprimidas e o movimento estudantil passou a viver um momento de intenso refluxo. Lungaretti, como tantos outros estudantes envolvidos com a luta contra a ditadura, passou então à clandestinidade e ingressou na Vanguarda Popular Revolucionária.

“De 1969 lembra como se invariavelmente estivesse chovendo ou com o tempo nublado” (LUNGARETTI, 2005, p. 169). Seu relato perpassa o cotidiano da clandestinidade, a vida nos aparelhos, as disputas entre as organizações, os rachas, o isolamento, as quedas, as mortes de companheiros, o medo... E o momento em que recebe a proposta de integrar a equipe que iria preparar a primeira área de treinamento guerrilheiro, na cidade de Registro, no Vale da Ribeira, junto a Carlos Lamarca. Tendo deixado o Vale no final de 1969 e seguido para o Rio de Janeiro, acaba preso na manhã do dia 16 de abril de 1970.

### **“Quer esquecer que 1970 existe”**

Até este momento da narrativa, a trajetória de Lungaretti é similar aquela de inúmeros jovens que passaram da militância estudantil à luta armada e acabaram presos pela repressão. Mas é na experiência da prisão e da tortura, de contornos e limites morais e físicos tão difíceis de definir, que seu caminho se transforma de forma devastadora e faz com que o autor afirme querer esquecer que 1970 existe.

Após sofrer sessões intensas de tortura, acaba “abrindo” alguns pontos e revela informações importantes sobre a organização. Lungaretti ficou então marcado como traidor, e foi deixado de fora de uma lista de 40 presos que sua organização exigiu em troca do cônsul japonês, dias depois. Abalado psicologicamente e ameaçado de morte, foi forçado a redigir uma declaração em que se dizia arrependido. Dias depois, é levado à televisão.

Foi assim que, na noite de 09 de julho de 1970, durante a exibição do Jornal Nacional, os telespectadores da TV Globo viram-se surpreendidos pela aparição daquele jovem franzino, de 19 anos e aparência abatida que, identificando-se como militante de uma organização clandestina de combate ao regime, renegou sua militância política, negou a

tortura nos porões do Regime, fez um apelo à juventude para que não ingressasse na luta armada, e chegou até mesmo a elogiar algumas obras do Presidente Médici.

“No dia seguinte, chega até a pensar que sonhou tudo aquilo. Suas lembranças estão todas enevoadas. Pressente que, quanto melhor lembrar, mais sofrerá” (LUNGARETTI, 2005, p. 167).

### **Algumas reflexões sobre o testemunho de Lungaretti**

A forma como Lungaretti organiza e elabora suas memórias, e as registra em forma de um livro, suscita inúmeras questões. Sua narrativa é dividida em três capítulos: *Júlio vive e morre*, *André vive e morre*, e *Celso vive*. Esta divisão é interessante no sentido de que o narrador não se propõe a contar sua história como um fio único. No início, a narrativa, em terceira pessoa, gira em torno de Júlio – o codinome do guerrilheiro – e de sua trajetória política. No segundo capítulo, também em terceira pessoa, a história gira em torno de André – e pode ser entendida como um período de transição vivido pelo autor. Após sair da prisão, forma-se em jornalismo e passa a trabalhar como crítico de rock. No entanto, por medo de represálias, tanto da esquerda como da direita, como ele diz, assina seus artigos e matérias com o codinome André. No terceiro capítulo, ressurgem Celso. Neste ressurgimento, o autor expõe alguns dos dramas que sofreu ao longo dos anos e das dificuldades que enfrenta até hoje: problemas econômicas, desemprego, as distorções do sistema de reparações, pela União, aos atingidos pelo arbítrio da ditadura...

Em uma entrevista que sucedeu o lançamento do livro, ao ser questionado sobre o porquê das duas primeiras partes do livro serem narradas em terceira pessoa, Lungaretti respondeu que “[...] há coisas que até hoje não me sinto à vontade para narrar na primeira pessoa, como as torturas. Ao mostrá-las como tendo acontecido ao personagem “Júlio” (meu nome de militante), de certa forma superei o constrangimento” (LUNGARETTI, 2005).

Esse depoimento deixa explícito a complexidade que envolve o ato de lembrar quando estamos falando de acontecimentos que envolvem sentimentos tão diversos como a dor, o medo, a vergonha, o arrependimento. Essa dificuldade é percebida também em relação a outros militantes cuja trajetória foi, em certo sentido, semelhante a de Lungaretti. Enquanto alguns esforçam-se em falar, na tentativa de explicar, ou mesmo dar um sentido, uma lógica ao vivido, outros preferem o silêncio.

Para Michael Pollak, o silêncio tem razões bastante complexas. Para poder relatar seus sofrimentos, é necessário, em primeiro lugar, que a pessoa encontre uma escuta. Algumas lembranças proibidas ou vergonhosas são guardadas em estruturas de comunicação

informal e passam despercebidas pela sociedade englobante. Assim, existem nas lembranças de alguns zonas de sombras, de não-ditos. Pollak afirma que:

*"As fronteiras desses silêncios e "não ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques, e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões a metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos" (POLLAK, 1989: p.4).*

É interessante o que Pollak suscita, de que o que se “recorda”, o que se fala (ou o que se cala) é também determinado pela existência (ou não) de uma escuta. Ana Longoni faz uma análise sobre três livros de literatura que tratam sobre histórias de militantes que sobreviveram aos campos de confinamento da ditadura argentina e o estigma de traição que pesa sobre eles. Este estigma é justificado em razão das estratégias que alguns militantes utilizaram para conseguir sobreviver, que iam desde a colaboração aos órgãos repressivos até casos de prisioneiras que acabaram se envolvendo emocionalmente com seus repressores. Para a autora, existem fortes vínculos entre o estigma da traição, as dificuldades (da esquerda, de movimentos de direitos humanos e de parte da sociedade) para admitir a derrota do projeto revolucionário e a impossibilidade de realizar um balanço autocrítico acerca das formas e dos rumos da militância dos anos setenta. E completa: “El sobreviviente aparece como portavoz de un reconocimiento que todavía hoy no puede ser escuchado por muchos: el proyecto revolucionario sufrió una derrota en esas miles de vidas y en el terror que con la represión de estado se impuso em la sociedad” (LONGONI, 2005, p. 207). O relato do sobrevivente é então intolerável, por um lado porque revela que o terror existia entre todos, estava ali entre aqueles que dizem que não sabiam; por outro lado porque revelam a “magnitude da derrota” da esquerda revolucionária que os dirigentes tratam de ocultar.

Nesse sentido, é interessante pensar se há uma escuta para essas memórias dos *arrepentidos*. Como suas memórias podem ser situadas e compreendidas, visto que não estão enquadradas nem como a memória oficial da esquerda, nem como a memória oficial do Regime?

### **O testemunho como catarse...**

Ângela de Castro Gomes, em seu artigo “*Escrita de si, escrita da história*”, propõe algumas reflexões sobre a escrita de si: “É como se a escrita de si fosse um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando-se, através dele, um autor e uma narrativa. Uma idéia que se alimenta do entendimento de que a escrita

de si foi mobilizada pelos indivíduos modernos com múltiplas intenções, entre as quais a de permitir o auto-conhecimento, o prazer, a catarse, a comunicação consigo mesmo e com os outros” (GOMES, 2004: p. 16).

Na escrita de Lungaretti, é possível perceber diferentes intenções: comunicar, contar a “verdade” sobre a sua história, ser reconhecido... Entre essas, percebe-se a escrita do livro como uma espécie de catarse: “*Escrever o “Náufrago” era uma espécie de missão, algo que eu não podia deixar de fazer na minha vida. Hoje, mais do que orgulho, o que sinto é aquele alívio do dever cumprido*” (LUNGARETTI, 11 de novembro de 2005). Em outra entrevista, o autor afirma que:

*Desde 1970 eu me sentia injustiçado. Nos piores momentos, sempre acreditei que um dia teria a oportunidade de mostrar toda a verdade. Ficava me lembrando de “A hora e a vez de Augusto Matraga”, sonhando com o dia em que as pessoas estariam abertas para escutarem a minha versão sem preconceitos. Essa chance surgiu em 2005” (LUNGARETTI, 2005).*

Há questões importantes que essa fala de Lungaretti suscita. Percebe-se que essa “escrita de si” foi elaborada e desejada por muitos anos, como uma espécie de acerto de contas entre ele e a História. Esse acerto de contas é entendido enquanto uma forma de mostrar a “verdade” sobre os acontecimentos.

Essa busca pela “verdade” está muito presente no livro. Isso fica explícito ao tratar da polêmica que envolveu seu nome com a queda da área do Vale do Ribeira. Ele e Massafumi Yoshinaga sempre foram apontados como sendo os delatores da área de guerrilha da VPR. Em seu livro *Combate nas trevas*, Gorender afirma que Celso Lungaretti forneceu ao Exército a primeira informação sobre um campo de treinamento de guerrilheiros em Jacupiranga, no Vale da Ribeira. Em um manifesto da VPR sobre a experiência guerrilheira no Vale da Ribeira, de setembro de 1970, também afirma-se que a área foi delatada pelos dois militantes. No entanto, em um relatório secreto do II Exército, que só veio a público há pouco tempo, há evidências de que as informações de Lungaretti levaram a repressão à primeira área de treinamento, já desativada, e que a descoberta da segunda área, próxima a primeira, só foi possível a partir de novas informações procedentes do Rio de Janeiro.

Após ter acesso a esse relatório, o autor afirma que tem a prova de sua inocência e que revelou a “verdade” sobre a área da guerrilha, reabilitando seu nome. Nesse sentido, sua fala traz a tona também questões que envolvem a problemática da memória e da verdade. O que significa essa “verdade” que Lungaretti quer mostrar? Ângela de Castro Gomes afirma que, na cultura da sociedade moderna, a noção de verdade passa a ter um forte vínculo com as idéias de foro íntimo e de experiência de vida dos indivíduos. A idéia de verdade passa a ser

entendida então como sinceridade, como o ponto de vista do autor do documento. Nesse sentido, a autora chama a atenção para o tipo de crítica que se faz necessária a essa fonte. O que importa e se deve buscar nessas fontes não é o “que realmente aconteceu”, mas “a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa, o que o autor viu, sentiu e experimentou” (GOMES, 2004: p. 14).

Outra questão que o livro de Lungaretti nos traz está relacionado aos militantes que, sob tortura, acabaram entregando informações sobre suas organizações (planos, localização de *aparelhos*, *pontos* com outros companheiros) ou que não tiveram um comportamento considerado “adequado” na prisão. Não são poucos os que carregam o estigma de delatores. Discutir e repensar sobre esses julgamentos que ainda hoje se fazem, é de extrema importância. O que se está julgando? Quem se está julgando? Quem pode julgar?

Em muitos momentos, o autor evidencia estar reagindo aos julgamentos de que se sente vítima e parece estar fazendo um apelo por compreensão. Assume erros (“[...] *fiz questão de mostrar como éramos frágeis, falíveis e muitas vezes desatinados durante a resistência à ditadura [...]*”) (LUNGARETTI, 2005, p. 262), mas afirma que aqueles que, diante de todas as dificuldades, ousaram lutar, merecem todo o reconhecimento dos pósteros.

É interessante também observar que, apesar de sua afirmação de que o livro está sendo feito para os jovens de hoje, que segundo ele, estão interessados em conhecer a história de seu país, durante a leitura de seu relato parece que em certos momentos a narrativa é dirigida aos jovens de ontem – os jovens que na década de 1960/70 enfrentaram a ditadura, seus ex-companheiros. Mesmo afirmando que “não tem contas a acertar” com a esquerda, que foi traído e abandonado pela sua organização, por vezes seu relato toma formas de esclarecimento e de crítica, e deixa vir a tona um desejo de reparação.

Em relação a questão dos julgamentos, e sobre essas histórias que muitas vezes são tão difíceis de serem contadas e escutadas, é interessante o que Longoni nos coloca:

*“Poder contadas exige que puedan ser escuchadas y procesadas por otros, que suspendan el enjuiciamiento desde una impugnación moral, y se interroguem, se arriesguen a pensar sobre esos siniestros límites, que como dice Bonasso, tuvimos la suerte de no traspasar. E incluso considerar cuánto de esa lógica perversa del terror concentracionario se expandió fuera de los límites del campo y esta vez sí nos alcanzó también a cada uno de nosotros” (LONGONI, 2005, p. 238).*

Lungaretti é protagonista de uma destas histórias tão difíceis de serem escutadas, entendidas... Uma história difícil de ser vivida e contada. Ainda assim, em seu relato, deixa

claro que não desistiu. Termina seu livro dizendo que as cruzadas para mudar o mundo são repletas de armadilha e sofrimento. Mas que, mesmo assim, ele precisa ser transformado.

## **Bibliografia**

GOMES, Angela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da história.*: a título de prólogo. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. 5ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1999. 294 p.  
LONGONI, Ana. “Traiciones. La figura del traidor (y la traidora) em los relatos acerca de los sobrevivientes de la represión. IN: JELIN, Elizabeth; LONGONI, Ana. *Escrituras, imágenes y escenarios ante la represión*. Madrid: Siglo XXI Editores, 2005, p. 207-240.

LUNGARETTI, Celso. *Náufrago da utopia*. Vencer ou morrer na guerrilha. Aos 18 anos. São Paulo, Geração Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. *Entrevista* ao site da Editora Geração Editorial. Disponível em: <[http://www.geracaobooks.com.br/releases/entrevista\\_celso\\_lungaretti.php](http://www.geracaobooks.com.br/releases/entrevista_celso_lungaretti.php)>. Acesso em: 04 de janeiro de 2007.

\_\_\_\_\_. *Mensagem* postada no site de relacionamentos ORKUT, na comunidade Náufrago da Utopia, em 11 de novembro de 2005. Disponível em: <<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=3060341>>. Acesso em: 21 de abril de 2006.

POLLAK, Michael. Memória. Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p. 200-212.